

O menino Graciliano contra o Barão de Macaúbas

Prof.Or. Marcos Falchero Falleiros
UFRN-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Graciliano Ramos mostra em *Infância* seu conflito com a linguagem. Ali, sua literatura aparece marcada por um relacionamento conflituoso com a escola, que, entretanto, revela-se, sob forma institucional, como apenas um dos aspectos inaugurais de batismo num mundo caótico e hostil, onde o autor se viu introduzido como um cogito desenraizado. Pode-se interpretar *Infância* como resultado da intenção implícita de sondar as raízes da autoria com o memorialismo autobiográfico, que mostra sua florescência condicionada por um complexo de linhas confluentes: família-escola-linguagem. Sua obra racionalista e geométrica indica uma intenção angustiada de ordenamento do mundo, similar à que deriva das dificuldades encontradas pela criança frente a um processo de alfabetização rudimentar e violento, espelho e seção da vida apresentada à vítima inocente como labirinto.

Infância, autobiografia que perfaz o trajeto fluente entre a "ficção" e a "confissão" - conforme a interpretação de Antonio Candido - já mostra em seus primeiros capítulos desentendimento e angústia reconstruídos pela geometria sistemática da memória voluntária, que se manifesta claramente como tal ao buscar uma ordenação da lembrança em escala cronológica linear, partindo do início. Abre o volume o título "Nuvens", cuja figuração serve tanto para caracterizar o estado letárgico da consciência infantil que se constituía no tempo do enunciado, como para o momento de agora em que o autor adulto se esforça por recompô-la. Depois de iniciar cartesianamente concreto com a primeira peça registrada pela memória, "um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas", ele encontra uma segunda, "aberta entre as nuvens espessas que me cobriam: percebi muitas caras, palavras insensatas" (p. 19). Tratava-se de uma escola, e a perspectiva infantil dá sinal de um gigantismo amedrontador: "Achava-me numa vasta sala de paredes sujas. Com certeza não era vasta como presumi: visitei outras semelhantes, bem mesquinhas. Contudo pareceu-me enorme". O sentimento atual da instabilidade do mundo é diagnosticado no retorno a suas origens: "Defronte alargava-se um pátio, enorme também, e no fim do pátio cresciam árvores enormes, carregadas de pitombas. Alguém mudou as pitombas em laranjas. Não gostei da correção: laranjas, provavelmente já vistas, nada significavam". E a passagem falaz da imagem à letra se consuma: "A sala estava

¹ RAMOS, Graciliano, *Infância*, Rio de Janeiro: Record, 1984.

cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: – Um b com um a – b, a : ba; um b com e – b, e : be”(p. 10).

Ainda nesse capítulo inaugural, imagens correlatas à das nuvens ajudam a esclarecê-la: “E a hibernação continuou, inércia raramente perturbada por estremecimentos que me aparecem hoje como rasgões num tecido negro”. Ou: “Apareceram lugares imprecisos, e entre eles não havia continuidade. Pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio”. Peças soltas e fragmentos são a imagem de um mundo pouco acolhedor, que requisita do vivente enfrentá-lo como um quebra-cabeça: “Surgiram repentinamente a sala espacosa, o velho, as crianças, a moça, bancos, mesas, árvores, sujeitos de camisas brancas. E sons estranhos também surgiram: letras, sílabas, palavras misteriosas. Nada mais”(p. 11).

O processo retrospectivo vem evidentemente precavido por experiências amargas da existência adulta, mas, por isso mesmo, pode ver o mal em seus primórdios com o espírito crítico acirrado de quem testemunhou a injustiça, o arbítrio e a violência num trajeto ininterrupto de vida. O estilo maduro mostra sua gênese aderindo ao próprio percurso de sua origem que ele reencontra como causa e formação.

Um dos equívocos tradicionais da crítica a respeito de Graciliano Ramos foi dar ouvidos e continuidade à imagem que a recepção contemporânea teve dele e que o próprio autor acatou: a de um escritor sem adjetivos. Explica-se tal interpretação pela *modernidade abrutalhada* que ele deflagrou na literatura brasileira ao romper com o estilo edulcorado da literatura fim-de-século, vista como *sorriso da sociedade*. A intenção de sinceridade e a posição modesta e feroz contra o demagógico e o empolado impediram que se visse precisamente nos adjetivos a manifestação vigorosa dessa retórica do seco: “palavras *insensatas*”, “paredes *sujas*”, “nuvens *espessas*”, “lugares *imprecisos*”, “pontos *nebulosos*”, “universo *vazio*”, “palavras *misteriosas*”. O estilo seco de Graciliano Ramos se manifesta justamente nos adjetivos, que funcionam como comentário e xingo dirigidos reiterada e obsessivamente a um mundo que exclui o sujeito e lhe impõe, como a um analfabeto, o desentendimento. Pode-se dizer mesmo que a essência e personalidade de seu estilo estão justamente na adjetivação avaliativa que, de fora, comenta o mundo, devolvendo-lhe a brutalidade que fragmentou e isolou o sujeito.

A escola, pois, aparece não meramente como um microcosmo que miniaturize institucionalmente a hostilidade do mundo, mas como fluxo contínuo dele. A escola não é diferente do modo depreciativo como sua irmã natural é tratada pelo pai, moralmente obrigado a acolhê-la, e pela mãe cerimoniosa, dura e ciumenta com a intrusa, como tampouco difere dos berros, repelões e coques que o menino recebe em casa dos pais brutais. O título dessa autobiografia poderia ter sido *Impressões da infância*, não fosse a vocação do estilo seco para a economia, que acabou por deixar no interior da narrativa a demonstração desse aspecto. Mas de fato o que temos é a impressionabilidade silenciosa de uma criança vendo espantada o mundo que a pariu. Trata-se de uma reconstrução dessas *impressões*, por meio da qual o escritor, evitando com fineza entrar pela gênese biográfica, mobiliza, entretanto, os retalhos da memória marcada a ferro, para deixar num plano meramente alusivo as indicações do vínculo psicológico e social entre obra e autoria.

A respeito de seu “primeiro contato com a justiça”, quando contava com quatro ou cinco anos de idade, surrado pelo pai, acusado de ter sumido com um cinturão que, na verdade, estava na rede da qual o algoz acabara de se levantar, pode-se nesse episódio encontrar o estado permanente dessa psicologia, e sua definição crônica pelo trauma sinteti-

zada no termo “*tremura infeliz*”: “Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a minha tremura infeliz. Provavelmente fui sacudido. O assombro gelava-me o sangue, escancarava-me os olhos”(p. 33).

Um dos poucos elogios que o menino consegue desse pai é o reforço de sua formação racista, que o autor adulto teve a dignidade de não escamotear, o que sempre lhe causou cobranças ideológicas e acusações: “Foi por esse tempo que o negro velho apareceu, limpo, de colarinho, gravata, botinas, roupa de cassineta, óculos. Estranhei, pois não admitia tal decência em negros, e manifestei a surpresa em linhagem de cozinha. Meu pai achou a observação original, enxergou nela intenções inexistentes em mim, referiu-a na loja aos fregueses, aos parceiros do gamão e do solo. Ouvia-a recomposta por seu Afro, completamente desfigurada, com palavras que não me aventuraria a pronunciar”(p.111). Assim o menino vai sendo feito, e o pai encarece tal “mercadoria chinfrim” como um negociante inescrupuloso: “Estão vendo esta maravilha? Produto meu”. Sintomaticamente, o capítulo em que se encontra esse episódio tem como título “Escola”, dando continuidade a “Leitura”, o período em que o pai o seduz para a alfabetização, prometendo a conquista de uma “arma terrível” ao menino incrédulo, que logo sentiria o tiro saindo pela culatra: “Largou pela segunda vez a interrogação pérfida. Não me sentia propenso a adivinhar os sinais pretos do papel amarelo?”, “Foi assim que se exprimiu o Tentador, humanizado, naquela manhã funesta”, “E a aprendizagem começou ali mesmo, com a indicação de cinco letras já conhecidas de nome”, “No dia seguinte surgiram outras, depois outras – e iniciou-se a escravidão imposta arditamente”. O pobre troca-letas carregou pela vida afora a confusão entre T e D associada à sensação das mãos latejantes “como um relógio” movido a palmatória: “Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou – e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde, pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas – e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos”(p. 106).

O livro didático também foi um dos grandes traumas da criança que sem saber se fazia um dos maiores escritores da literatura brasileira. Na capa do primeiro livro de alfabetização, o menino já encontrava como um presságio funesto a figura carrancuda e de barbas pretas frondosas do Barão de Macaúbas, o Abílio César Borges, educador comercial, pioneiro da rede de livros didáticos, satirizado impiedosamente por Raul Pompéia em *O Ateneu*, cujo universo exclamativo de sua linguagem irada traveste o Barão na figura do personagem Aristarco.

Única brecha de paz e ternura durante esse desabrochar sinistro da consciência, a entrada na escola do menino Graciliano Ramos pareceu ser um modo irônico de intensificar sua via-crúcis retomada logo a seguir. A professora, a doce e cheirosa D. Maria, “alma infantil”, “a grande ave maternal” mostrou ao menino um outro mundo: “Nessa paz misericordiosa os meus desgostos ordinários se entorpeceram, uma estranha confiança me atirava à santa de cabelos brancos, aliviava-me o coração”(p. 124). Mas o avanço do menino continha outra armadilha: o segundo livro, do Barão de Macaúbas, que lhe infligiu Camões: “Sim senhor: Camões, em medonhos caracteres borrados – e manuscritos. Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar em língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados.

Um desses barões era provavelmente o de Macaúbas, o dos passarinhos, da mosca, da teia de aranha, da pontuação. Deus me perdoe. Abominei Camões. E ao Barão de Macaúbas associei Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, o gigante Adamastor, barão também, decerto” (p. 130). O que ele ali reencontra são as esquisitices que já lhe haviam inquietado, junto à irmã natural Mocinha, com o tom professoral e moralista de provérbios ininteligíveis: “A preguiça é a chave da pobreza”, “Quem não ouve conselhos raras vezes acerta”, “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém”:

“– Mocinha, quem é o Terteão?”, “Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão”. Agora ali estava novamente o Barão de Macaúbas estampado na capa, certamente um daqueles “*assinalados*” de Camões, o mesmo barão que metamorfoseado em passarinho pedante, dava opiniões sisudas e bons conselhos a um menino vadio de linguagem arrevesada e enjoativa: “– Passarinho, queres tu brincar comigo?” (p. 126).

Posteriormente, com a mudança da família para outra cidade, ele testemunharia com o olhar infantil silencioso e atilado o comportamento opressor da professora Maria do O, principalmente com a sua prima rica Adelaide, deixada pelos pais da casa-grande sob a tutela na cidade das três tias da professora. E o preconceito novamente se manifesta: “Constrangida no espartilho, branqueada a pó-de-arroz, D. Maria do O fingia humanizar-se lá fora: a voz amansava, a carne se reprimia, doméstica, os bugalhos amarelentos se ocultavam sob pálpebras roxas – e a fera metia as garras nos cabelos das crianças, adulando”. Ao ver o modo como maltratavam a prima rica, submetendo-a a trabalhos humildes, o adulto procura entendimento nos espantos do menino que covardemente acompanhava o martírio dela: “A estranha inversão de papéis me surpreendia e revoltava, mas a surpresa e a revolta nunca se manifestaram. Longe da escola, em arrancos de coragem, afrontei as megeras. – Ah! negras!”, “As tias da professora haviam sido mucamas de luxo, sem dúvida, antes da maluqueira de uma princesa odiosa. Ingratas. Não me ocorria que alguém manejava a enxada, suara no cultivo do algodão e da cana: as plantas nasciam espontaneamente. E não pensava no sacrifício necessário às três mulheres para levantar a sobrinha fusca, desbastá-la, vesti-la, escová-la, impingi-la na sociedade”, “Coitada de minha prima, tão boa, tão débil, suportando as enxaquecas das miseráveis. Lugar de negro era a cozinha” (p. 179).

Esse caos de violência, preconceito e desentendimento ainda oferecerá mais episódios: o próximo professor: “Para bem dizer, não tinha lugar definido na espécie humana: era um tipo mesquinho, de voz fina, modos ambíguos, e passava os dias alisando o pixaim com uma escova de cabelos duros”, “Inquietava-me o espelho, onde se refletia a pacholice do mulato. Bom que o pó-de-arroz se fixasse na pele azinhavrada, o óleo assentasse no crânio miúdo os pêlos rebeldes”, “Quando isso acontecia, o professor deixava a sala, ia apresentar-se às irmãs, saracoteando-se, lançando guinchinhos de quem sente cócegas. Voltava iluminado, um sorriso infantil boiando-lhe nos beiços grossos. Abancava, observava os dedos, as unhas enfeitadas de manchas brancas, metia-se num sonho dengoso”, “Em seguida, ronceiro, como se levantasse grande peso, tomava as nossas escritas, corria por elas a vista baça e distante, julgava-as atirando-lhes números convencionais” (p. 190).

Desse caos, nasceu a vontade de ordem em Graciliano Ramos, enquanto vontade de justiça. Sua obra principal respondeu às expectativas do tempo, articulando-se sistematicamente: depois da ficção que explorou as possibilidades de classe, com o burguês em *São Bernardo*, o pequeno-burguês em *Angústia* e a proletarização em *Vidas Secas*, a confissão pro-

cura as balizas da autoria, na sondagem das raízes psicológicas e sociais de Infância e na consequência histórica e política de *Memórias do Cárcere*. A atitude conceptualizante de sua literatura marxista não vê saída para o mundo a não ser que se revolva radicalmente o solo podre de onde proveio. Seu pessimismo não lhe permitiria nenhuma esperança em relação a medidas paliativas. Mas entre o mundo e a escola, entre a galinha e o ovo, Graciliano Ramos não deixou de crer na possibilidade dialética e revolucionária de se mudar a escola para mudar o mundo, para que um mundo revolvido produzisse a escola que sem saber o menino sofrido queria. A esse respeito vale o testemunho da filha Clara Ramos² sobre a atuação do pai como Diretor da Instrução Pública de Alagoas, atividade desenvolvida de 1933 até 1936, quando foi preso pela razia pré-ditatorial de Getúlio Vargas, entre outras suspeições, possivelmente, por ter surprimido das escolas o Hino de Alagoas, “uma estupidez com solecismos”, e que teve como encarregado do ato de prisão um tenente a cujo pedido de favorecimento de uma parente professora não havia atendido. Clara Ramos fala sobre o período: “Um precursor da merenda escolar no país, que será oficialmente instituída em 1955, Graciliano Ramos, à frente da Pasta da Educação de Alagoas, verifica estar na fome a causa do absentismo e da evasão nas escolas; melhora a capacidade de aprendizagem e a resistência às doenças fornecendo alimentos, roupas e calçados aos colegiais matriculados na rede de ensino primário estatal; toma medidas drásticas em favor de uma instrução popular; contrapõe-se ao pistolão e ao favoritismo; efetiva as professoras rurais; provoca ódios extremados e permanentes gratidões”. Ao encontrar salas vazias e professoras ociosas conversando com a diretora, num bairro de pescadores cujos filhos sem roupa e sem sapato necessitam ajudar os pais no trabalho, Graciliano determina: “As senhoras iniciarão amanhã uma campanha de quinze dias visando ao aumento das matrículas. Irão de porta em porta chamar as crianças à escola. Façam o favor de dizer aos pais que seus filhos terão alimentação, merenda diária paga pela caixa escolar”. Posicionou-se contra a abertura de novas escolas, como explica o depoimento de Emil Farhat: “O governador do Estado queria abrir mais escolas porque estava com a gaveta cheias de pedidos para nomeação de professoras”, a que respondia o teimoso secretário: “Cansei-me de receber relatórios contando como os bichinhos desmaiam de fome nas escolas das zonas mais pobres. Necessidade havia era de fazer cozinhas nas escolas que já existiam”. E é o próprio Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere* quem relata a rotina às vésperas de sua prisão: “Calçados e vestidos pela caixa escolar, os garotos se haviam apresentado com decência. Lembrava-me da lufa-lufa necessária para modificá-los, ria-me pensando em Flora Ferraz sentada no chão, às 8 h da noite, a experimentar sapatos em negrinhos. Avizinhando-me dela, repelira-me com raiva:

– O senhor tem coragem de me dar a mão? Estou suja. Desde a manhã aqui pegando os pés destes moleques!

Quatro dessas criaturinhas arrebanhadas nesse tempo, beijudas e retintas, haviam obtido as melhores notas nos últimos exames”.

Dessas experiências traumáticas, como fruto da complexidade orgânica do “evento”, na confluência necessária de tempo e lugar, história e autoria, ideologia e estilo, nasceram a obra literária de Graciliano Ramos e o homem público, um dos mais penetrantes e modernos críticos das mazelas da educação.

² RAMOS, Clara, Mestre Graciliano - Confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.84-89